

Rodrigo da Fonseca Magalhães

I

O periodo que decorreu desde os primeiros annos d'este seculo, até que ha poucos se principiou a consolidar em nossa terra o governo constitucional, foi, como todas as epochas de agitação politica e de commoção revolucionaria, fecundo em homens que illustraram o seu nome nos campos de batalha, nos conselhos da coroa e nas assembléas da nação.

É n'estas quadras épicas, de fecunda e radical transformação, é quando a sentença está lavrada contra as instituições que foram, quando se entôa o hymno triumphal ás novas idéas, que os grandes e privilegiados engenhos, até então ignotos na sua penumbra, apparecem quasi improvisamente á luz, e revelam na scena heroica dos successos publicos as qualidades eminentes, que ficariam, porventura, ociosas e estereis nos tempos de tranquillidade social.

Quando a Providencia tem destinado voltar com o seu dedo omnipotente uma folha nova no grande livro da historia da humanidade, envia a cada nação os homens que devem ser os invenciveis instrumentos dos seus designios, o espirito energico e o braço vigoroso das novas doutrinas e das novas resoluções.

Assim nas epochas de conquista em Portugal, quando a Providencia tem disposto que os germes da civilisação christã se diffundam e fructifiquem em todo o mundo, quando é o navio a fórma visivel do progresso e a consubstanciação da idéa civilisadora, apparece em nossa terra o infante D. Henrique, a eschola de Sagres, tendo por chefe o mais insigne filho do mestre de Aviz, dá o signal á turba de arrojados navegadores, e os argonautas portuguezes surgem de todos os pontos do nosso pequeno territorio, como se nascessem dos dentes prolificos de Cadmo, ou das fecundas pedras do fabuloso Deucalião. É assim que Bartholomeu Dias, Perestrello, Diogo Cão, Fernão de Magalhães e tantos outros mareantes immortaes traçam no Oceano, com o rasto dos seus victoriosos galeões, a estrada real das mais illustres glorias portuguezas. É assim que, em dictando a Providencia a Portugal a sua missão conquistadora, e em lhe ordenando que com os seus descobrimentos abra o primeiro capitulo da moderna civilisação, parece que á mesma hora tinha já armados os heroes que, por tantos seculos, haviam de ser n'aquella empreza e epopéa verdadeira.

Algumas vezes saíu o David portuguez, o povo, que pareceria modesto, obscuro, debil, e mais talhado para servo que para senhor — tal era a apparente mesquinhez de suas forças, e o poderio e magestade de seus inimigos e oppressores — algumas vezes, digo, saíu a pelejar o povo d'este reino contra os que o vinham avassallar, ou o traziam já de largos annos dominado, mas não sujeito.

Da primeira vez, ainda mal seguras no solo as raizes da nação, entrou o castelhano por nossas terras, talando os campos e assolando as povoações, com tanta braveza e arremesso, que não haveria ao principio resistir-lhe. E contra o novo philisteu suscitou Deus não um só mancebo, senão muitos que saíssem a tomar o passo ao invasor, e obrigal-o a volver vencido da referta. Foram o mestre de Aviz, o condestavel Nuno Alvares, e tantos outros de cujas galhardias e gentilezas são iliada verdadeira e copiosa as nossas chronicas, memorias e tradições. Ganhou Portugal o pleito; que é timbre e condão de portuguezes vencer ainda aos mais briosos e cavalleiros, quando o preço da requesta é a patria ou a civilisação.

Teve esta famosa epopéa do renascimento nacional, ao lado dos seus Ajaces e Achilles, tambem os seus Ulysses e Nestores, persuasivos no discurso, prudentes no conselho, discretos e facundos no dizer. Ao passo que a espada do condestavel abria o caminho á mais gloriosa dynastia, a palavra de João das Regras vibrava em beneficio da terra portugueza nas assembléas da nação.

Saíu Portugal segunda vez a campo, não já para acceitar, mas para offerecer desegual batalha ao castelhano, que lhe punira o crime da sua antiga independencia com sessenta annos de affronta e oppressão. E acudiram a ponto os homens que haviam de obrar prodigios n'aquelle feito arrojadissimo. Mathias de Albuquerque, D. João da Costa, D. Sancho Manuel, conquistaram loiros eguaes aos que circundavam os nomes já historicos dos esforçados luctadores de Aljubarrota.

Em quanto as espadas portuguezas, enferrujadas e ociosas por largo tempo nas panoplias, se estão açacalando no sangue dos inimigos, ha togas e roupetas, que andavam ignotas nos tribunaes e nos cenobios, e que ajudam agora, com o seu conselho e a sua palavra, a obra gloriosa da nossa politica redempção.

O padre Antonio Vieira é o tribuno eloquente d'aquelles enthusiasmos bellicosos; é nas juntas do governo e nas das legações o negociador das allianças e subsidios, o promotor dos brios nacionaes, o conselheiro das resoluções, o Tyrteo d'aquellas heroicas emprezas, o piedoso Mirabeau d'aquella revolução, cuja tribuna se levanta no templo, defronte do sacrario, entre o incenso e as santas harmonias consagradas ao Senhor.

A revolução politica e social que, na primeira metade do seculo presente, estendeu a Portugal os grandes principios inaugurados como o direito da humanidade pela revolução de 1789, precisava, para effectuar-se, de que homens inspirados de um novo espirito, inflammados de enthusiasmo patriotico, se levantassem para operarios convictos d'aquella empreza fecunda e generosa.

Á frente de todos elles appareceu o immortal imperador. O duque de Bragança, quaesquer que sejam os reparos que a alguns dos seus actos publicos possa um dia fazer a historia na austera imparcialidade dos seus juizos, ha de sempre erguer-se perante ella como um heroico vulto, cujos grandiosos lineamentos avivou na memoria do povo portuguez a veneração pelos nobres sacrificios com que se votou á emancipação e liberdade da sua patria.

Em volta do brioso duque de Bragança, ao mesmo tempo legislador, philosopho e soldado, participando com elle da mesma fé, dos mesmos lances e dos mesmos loiros, resaem já hoje na téla da posteridade os seus generaes e os seus estadistas, os que o ajudaram pelo conselho e pelo braço. Ao lado da figura cavalleirosa do duque da Terceira o espirito meditativo de José Xavier Mousinho. Junto do visconde da Serra do Pilar, o Manlio do moderno Capitolio portuguez, o animo sereno e emprehendedor de José da Silva Carvalho, em quem se revelam as feições moraes e a tempera de ferro dos antigos romanos, que nos dias de maior angustia não desesperavam da salvação e da grandeza de Roma.

Em redor dos homens eminentes, que circundavam com a muralha invencivel dos peitos livres o abrasado recinto da cidade invicta, e d'aquelles que, sob a sinistra abobada formada pelas bombas inimigas, celebravam tranquillamente os conselhos do governo, agitavam-se outros vultos, que deviam abrir, e continuar nos mais altos officios publicos, a segunda epocha da liberdade, ao encerrar-se com a morte do imperador o cyclo das campanhas libertadoras. Eram, entre muitos outros, João Baptista de Almeida Garrett, o orador poeta; José Estevão, o orador da democracia; Rodrigo da Fonseca Magalhães, o estadista da paz e o orador da conciliação.

Rodrigo da Fonseca Magalhães, se não exerceu durante a primeira e mais laboriosa quadra da cruzada constitucional as primeiras magistraturas politicas, foi no meio da guerra, n'aquella eschola memoravel do cêrco do Porto; n'aquella tribuna ardente, d'onde partiam a diffundir-se pelo paiz, entre os coros sinistros dos canhões, as estrophes eloquentes da liberdade; n'aquella cáthedra, d'onde saia, entre as incertezas da guerra, o evangelho da democracia, formulado nos decretos memoraveis de Mousinho da Silveira; foi n'aquelle cenaculo, onde os apostolos da idéa nova se congregavam para sanctificar pelo martyrio o evangelho da liberdade, ou para triumphar pela sua perseverança e impavidez, foi alli que Rodrigo da Fonseca se compenetrou do espirito liberal, como que recebeu o grau e prestou o juramento d'aquella nova religião e cavallaria, fortaleceu o animo e retemperou as suas robustas faculdades para poder um dia interpretar no governo e direcção dos negocios publicos, em difficeis e arriscadas conjuncturas, a letra das instituições, escriptas com a espada dos bravos e o sangue dos martyres na carta das nossas immunidades e franquias.

Todos os homens que aprenderam n'aquella eschola foram, com raras excepções, fieis ao espirito da revolução constitucional. Todos os que receberam na Terceira e no Porto aquelle solemne baptismo de fogo, se deslustraram ás vezes, pelos seus erros, a firmeza e austeridade da sua crença liberal, não macularam jámais as vestes candidas da sua iniciação liberal com as nodoas infamantes da apostasia. Assim como o agricultor que viu ainda safaro e maninho o torrão onde hoje braceja e fructifica a arvore copada; que amanhou e enriqueceu de mimos a terra outr'ora ingrata; que lhe confiou a semente, e que viu com indizivel alegria a plantula rasando quasi o solo nos primeiros dias da sua vegetação, e a seguiu crescendo e prosperando até que foi arbusto, e depois tronco já agasalhado em sua casca, e vestido de sua folhagem, e adornado de suas primeiras flores, ama a arvore que plantou e lhe dá sombra, assim tambem n'aquelles que assistiram aos primeiros tentames de uma nova instituição, nos que estremeceram pelo seu futuro, nos que velaram armados em sua guarda e defensão, venham embora os annos, desappareçam os perigos, abonancem os tempos, e veremos a crença sempre firme e o amor sempre immarcessivel vincular as instituições ao coração dos que as plantaram.

Os homens que, no rochedo da Terceira, tinham visto cair, açoitado e impellido pelas tempestades politicas, o germen da liberdade; que haviam recebido n'um berço de penhascos a carta, esta pobre recemnascida, cujo horóscopo havia sido escripto em sentenças de proscripção e de terror; que a haviam conduzido ao Porto, escudada pelo estandarte bicolor e escoltada por sete mil valentes, vanguarda aventurosa de um exercito que a propria liberdade tinha ainda que recrutar; os homens que tinham visto a grande e generosa idéa estremecer nos dias de maior perigo, e pendente de um fio a fortuna das instituições e o futuro da sua patria, tinham aprendido, ora nos terrores da adversidade, ora nos jubilos do triumpho, a apreciar o thesoiro que recatavam.

Quando, encerradas as guerras civis, a ambição os pôde momentaneamente cegar, vicial-os as paixões politicas, nunca elles se deslembraram de que haviam sido cooperadores na fundação das liberdades. Como aos religionarios de uma fé pura e vivificadora, os peccados veniaes podiam muitas vezes obrigal-os á penitencia, mas ninguem pôde jámais, com razão, accusal-os de haver caído no atheismo, na impiedade ou ainda mesmo na heresia.

Rodrigo da Fonseca foi um d'estes homens que permaneceram liberaes até ao fim da sua vida, todo votado a consociar a liberdade com a ordem, e o vivo sentimento da democracia com a instinctiva lealdade á realeza constitucional.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 52)

Progrediram as obras do convento da Batalha com muita actividade e rapidez por todo o reinado de D. João I. Porém, não obstante ser este muito longo, pois que abrangeu um periodo de 48 annos, desde 1385, em que o mestre de Aviz foi acclamado rei, até 1433, em que falleceu, não bastou para o acabamento de tão grandioso edificio. Durante os cinco reinados que se seguiram ao do fundador, continuaram constantemente os trabalhos de construcção, incluindo n'elles os da chamada *capella imperfeita*. Em outro logar mais adequado trataremos das obras executadas em cada um d'esses reinados.

Da fundação do convento originou-se a fundação da villa da Batalha. As primeiras construcções que se fizeram foram para serviço das obras do monumento, taes como a *casa do mestre*, a *casa das medidas*, a *casa da feria*, a *casa da carpintaria*, *da vidraria*, *da ferraria*, os *fornos da cal*, *telheiros*, e outras officinas.

Uma edificação tão vasta, tão morosa apesar da actividade dos trabalhos, e que requeria o emprego de tantos braços, e de tão variados officios, não podia deixar de attrahir e entreter n'aquelle logar, outr'ora ermo, numerosa multidão de gente, não só de operarios, mas tambem de vendedores de generos e mercadorias para o necessario fornecimento d'esse centro não pequeno de consumidores. Assim se foram construindo casas a par d'aquellas officinas para se accommodar n'ellas uma povoação, posto que adventicia e com caracter provisorio, que, pelas razões expendidas, veiu a ficar permanente.

Todas estas construcções foram feitas nos terrenos da *quinta do Pinhal*, em que se fundava o convento; e como el-rei D. João I determinára que fr. Lourenço Lampréa, seu confessor, fosse viver religiosamente, com mais alguns companheiros, nas antigas casas da mesma quinta, em quanto o convento não se achava em estado de os receber, edificou-se tambem alli uma ermida para os ditos religiosos celebrarem os officios divinos.

D'est'arte, serviram de nucleo á casaria da villa as officinas da obra e as habitações dos operarios, bem como lhe serviu de matriz a ermidinha dos religiosos, cujas ruinas ainda lá se vêem. Ao diante, feita doação da quinta aos religiosos pelo monarcha fundador, e achando-se os frades já residindo no convento, foram estes aforando chãos a pessoas particulares, com a clausula de levantarem casas, reservando, porém, uma parte para cêrca do convento. Mais tarde, el-rei D. Manuel completou aquella doação, encorporando n'ella as mencionadas officinas, e auctorisando os religiosos a disporem d'ellas logo que não fossem precisas para as obras. Portanto, cumprida que foi esta condição, trataram os padres de as dar de aforamento, com a mesma clausula com que aforaram os chãos.

Sendo a povoação já bastante crescida no começo do reinado del-rei D. Manuel, foi por este soberano desannexada do termo de Leiria, a que pertencia, e erigida em villa no fim do anno de 1498, ou principio de 1499. Foi tambem este monarcha o fundador da egreja parochial, da invocação de Santa Cruz, a qual teve começo no anno de 1512, concluindo-se no de 1532.

III

FASTOS DO CONVENTO

Não correspondem á grandeza e magnificencia da fabrica os fastos do convento. A humildade da ordem, cujo instituto era mendicante, e a pobreza da communidade, a quem el-rei D. João I, obtida a dispensa pontificia, deixára os bens apenas sufficientes para uma parca sustentação, não permittiam os privilegios e preeminencias ecclesiasticas, nem o apparato das ceremonias, nem os esplendores do culto, que tornaram celebres alguns mosteiros de Portugal.

Os fastos do convento da Batalha resumem-se em um breve catalogo de nomes illustres das pessoas que n'elle jazem, de outras que n'elle viveram, e de muitas que o tem visitado para lhe admirarem as bellezas e os primores. Das primeiras, em que se comprehendem os reis e principes da dynastia de Aviz, desde D. João I até D. João II, fallaremos em outro logar. D'entre as segundas nomearemos o doutor *fr. Lourenço Lampréa*, 1.º prior do convento, pessoa de muito saber e auctoridade; *Fr. Luiz de Sousa*, o elegante chronista da ordem de S. Domingos, que alli foi por algum tempo conventual, aquelle mesmo patriota que no seculo, com o nome de Manuel de Sousa Coutinho, preferiu incendiar e ver reduzida a cinzas a sua propria casa, a vêl-a occupada pelos governadores do reino sob a usurpação de Filippe II de Castella, os quaes, fugidos da peste que devastou Lisboa, se aposentaram n'ella com violencia; e, finalmente, *D. Fr. Francisco de S. Luiz*, o illustrado monge benedictino que, abraçando a revolução de 24 de agosto de 1820, saíu do claustro para ir á cidade do Porto tomar parte conspicua no governo provisorio do reino; que, depois da quéda da constituição, foi desterrado primeiramente para o convento da Batalha, e mais tarde para o da serra de Ossa; e que, tendo cingido a mitra episcopal de Coimbra, e presidido ao ministerio dos negocios do reino, foi elevado ao solio patriarchal de Lisboa, em cuja dignidade o colheu a morte no anno de 1845. Este sabio prelado é uma das glorias litterarias de Portugal.

Os nomes que compõem a terceira parte d'aquelle catalogo são os de quasi todos os nossos reis e principes, desde que se erigiu o monumento até hoje; e os da maior parte dos soberanos, principes e outras pessoas notaveis que tem vindo a Portugal n'esse longo espaço de quatro seculos e meio.

Commemoram, porém, os annaes d'este convento dois successos lamentaveis de que foi theatro. Em 1810, na terceira e ultima invasão franceza, os soldados do exercito do marechal Massena fizeram consideraveis estragos no edificio, e mutilaram e profanaram os tumulos reaes, julgando encontrar dentro d'elles alguns objectos preciosos. No anno seguinte foram devorados pelas chammas um dormitorio e outras partes do convento, correndo grande perigo todo o edificio de ser invadido pelo incendio.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, ficou o convento devoluto, e conservou-se em bastante desamparo até ao anno de 1840, em que as côrtes, tendo-o declarado monumento nacional, consignaram uma verba annual de 2:000$000 réis para a sua reparação e restauração, nas quaes se tem trabalhado sem descanço até ao presente. Começaram estes trabalhos em 1840, sob um plano que honra o distincto general de engenheria, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, a quem foi incumbida esta ardua e difficilima tarefa, e da qual se desempenhou com summa proficiencia. Primeiro proveu aos reparos geraes do edificio para obstar a ruina que o ameaçava, principalmente pela infiltração das aguas nas abobadas; depois encetou as obras da restauração, seguindo á risca não só o mesmo gosto de architectura, mas tambem os desenhos primitivos. Os acontecimentos politicos do paiz occasionaram a sua exoneração d'este importante cargo, no anno de 1843; todavia, as obras continuaram com direcção não menos zelosa e intelligente; e acham-se no mais satisfactorio estado de adiantamento. Na descripção do monumento iremos indicando os trabalhos de restauração executados.

IV

SITUAÇÃO E PLANTA GERAL DO EDIFICIO

Está edificado o convento da Batalha em terreno baixo, cercado de collinas e montes que lhe limitam o horisonte, sobre tudo do lado da fachada principal do templo. Entretanto, se o não rodeasse tão de perto a casaria da villa, pela maior parte de mesquinha apparencia, a sua situação sería de muita amenidade e belleza, pois que o valle em que está assentado é um dos mais frescos e aprazíveis d'esta nossa provincia da Estremadura. O rio Lena, que corta o valle, só no inverno é caudaloso, mas no verão traz sempre a agua sufficiente para conservar o viço e a frescura que a primavera dá ao arvoredo que o assombra, aos prados e pomares que o orlam, e ás proprias veigas que a pouca distancia se erguem.

Apesar de não estar longe da cidade de Leiria, por onde passa a estrada real que conduz de Lisboa ás provincias do norte do reino, até ha poucos annos era difficil o accesso ao convento da Batalha, pelo estado lamentavel dos caminhos. Hoje, felizmente, não succede assim. O nosso primeiro monumento póde ser visitado dos estrangeiros sem que nos envergonhemos das difficuldades do trajecto, nem do estado do edificio. Uma bem traçada e espaçosa alameda, partindo do adro do templo, vem communicar com a bella estrada macadamisada, construida ha onze annos entre o Carregado e Coimbra, e que, concluindo-se depois até ao Porto, uniu em faceis communicações as duas primeiras cidades do reino, antes que o caminho de ferro as approximasse com mais estreitos laços.

Levar-nos-hão a bem, sem dúvida, os nossos leitores que, antes de começar a descripção do edificio, lhes dêmos conhecimento da planta geral, que, além de nos auxiliar n'aquella descripção, serve tambem para dar uma idéa quasi justa da grandeza do monumento.

A planta, cuja gravura publicâmos, foi copiada de outra do riquissimo livro que o architecto inglez, James Murphy, escreveu e ornou de excellentes gravuras em 1792, todo dedicado á descripção do edificio monumental da Batalha.

A planta e mais gravuras com que se adorna aquella obra, dão cabal testimunho do talento e pericia do architecto britannico, pela exactidão com que foram tiradas, assim como tambem attestam o valor artistico do monumento que lhe mereceu tão serio e aturado estudo [1], e uma edição tão dispendiosa como é a da *Historia e descripção do real convento da Batalha.*

A fórma d'este livro é in-folio, e a dita planta occupa duas folhas d'elle, em frente uma da outra, em toda a sua altura e largura. A nossa gravura é, pois, cópia de uma photographia mandada tirar expressamente para o *Archivo*, a qual reduziu aquella planta ás pequenas dimensões em que a publicâmos.

Os numeros que se vêem na planta indicam as suas divisões do modo seguinte:

1 — Adro, porta principal e corpo da egreja.

2 — Cruzeiro, no qual está a porta travéssa, e as quatro capellas collateraes da capella-mór.

3 — Capella-mór.

4 — Capella sepulchral chamada do fundador.

5 — Pateo detraz da capella-mór, onde fica a entrada das capellas imperfeitas.

6 — Capellas imperfeitas.

7 — Sacristia.

8 — Claustro real, edificado em vida de D. João I.

9 — Casa do capitulo.

10 — Refeitorio.

11 — Adega.

12 — Claustro construido por el-rei D. Affonso V.

13 — Outro claustro mais inferior.

O resto da planta diz respeito aos dormitorios e mais officinas do convento.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Murphy veiu a Portugal em 1789, e esteve alguns mezes na Batalha examinando e estudando o edificio.

BIBLIOTHECAS POPULARES

I

Apontámos rapidamente, no artigo publicado n'este jornal com o titulo de *Algumas reflexões sobre a instrucção publica*, os motivos principaes por que é tão deficiente a instrucção primaria em Portugal, os meios com que na Gran-Bretanha se combatem identicas enfermidades, e os recursos que temos, no nosso proprio paiz, para emprehendermos, com avultado numero de probabilidades favoraveis, a grande obra da nossa regeneração. Vimos quanto era inutil a pomposa fundação de escholas quando se não auxiliavam com perseverança e intelligencia os esforços dos professores. Fundar escholas sem dar aos mestres honorarios que os habilitem a viver decentemente, sem promulgar leis que obriguem indirectamente as familias a enviarem lá as crianças; fundar escholas sem adoptar um methodo que dê extensão e rapidez ao ensino, que inflore e suavise o estudo, é seguir o erro de um proprietario que erguesse paredes sumptuosas, sem alicerces nem tectos, e que se espantasse depois de que ninguem fosse habitar essa casa sem commodos nem solidez. As escholas primarias de Portugal são essas paredes vacillantes, que nem convidam inquilinos, nem conseguem firmar-se; são arvores degeneradas que nem dão fructo, nem sombra, arvores que definham á mingoa de rega, e que tiram espaço ás que podiam enraizar-se e viçar esplendidamente.

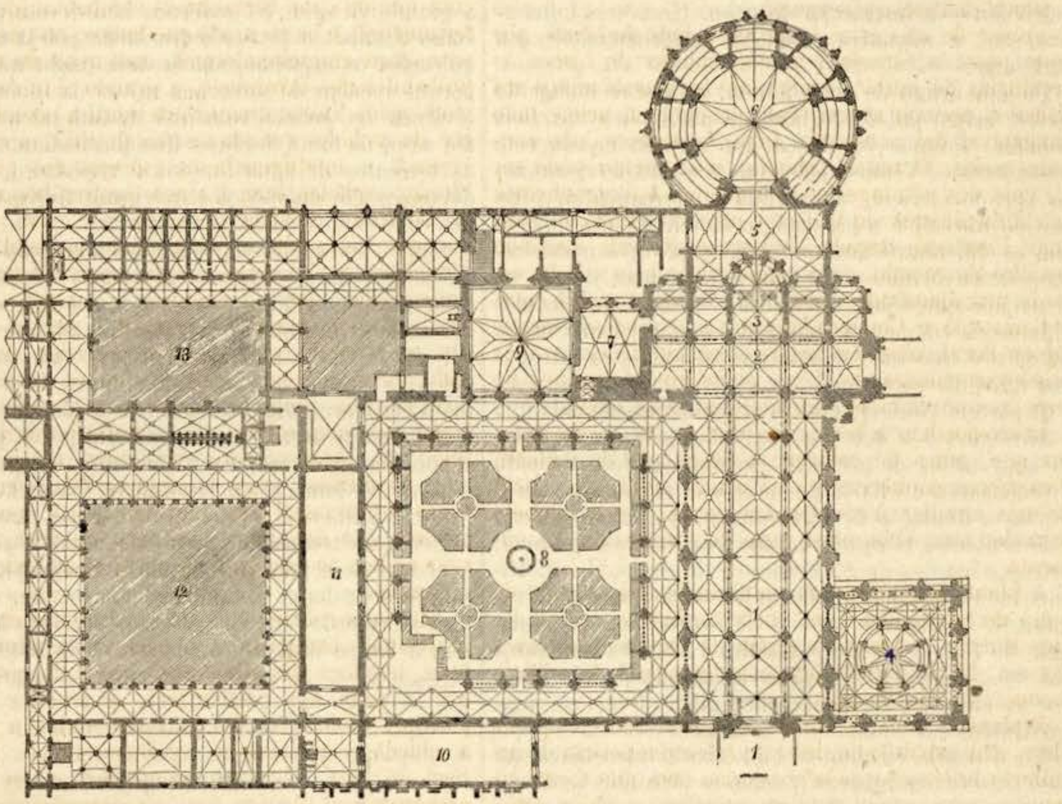
Accusámos d'isso em parte a ausencia da iniciativa individual, em parte a incuria administrativa. Comtudo, notemos que é rigoroso dever do governo supprir a falta dos particulares, e acceitar os encargos que melhor sería coubessem tambem um pouco a cidadãos que fossem verdadeiramente zelosos do bem do paiz. Se assim acontecesse, se se realisasse esse invejavel accordo, caminhariamos mais desaffrontados, e com maior velocidade, pela senda do progresso. Não acontece assim, paciencia! não é esse motivo para que o governo se julgue dispensado de cumprir as suas obrigações.

Uma das primeiras coisas a que deve attender, é evidentemente á situação precaria do corpo docente. Não se imagina quanto essa triste situação concorre para paralysar o desenvolvimento do ensino elementar. Não se imagina a influencia nefasta que produz a miseria dos professores na illustração das terras para onde são enviados. Bastava que invocassemos a justiça e a humanidade para podermos pugnar afoitamente a prol d'esses obscuros operarios da civilisação, cujo trabalho inglorio é quem lança as bases do edificio social. Se esses pobres e pallidos mineiros, escondidos nas entranhas da terra, não lançassem no espirito das gerações novas a semente das idéas, nunca poderia crescer ao ar livre a arvore formosa da instrucção. Pobres semeadores a cujo labutar devemos o germen das opulentas searas, em cujas doiradas espigas lampeja e ri o resplandor do sol, quem se lembra de vos dar um logar de honra no farto banquete da civilisação? Quem se lembra, depois de chegar ao fastigio da illustração, d'esse melancolico e resignado vulto que primeiro nos abriu as portas do mysterioso paraiso do saber? Ninguem! É provavel até que o afor-

tunado neophyto olvidasse o nome do misero iniciador! E todos nós, ao admirarmos o brilho, o engaste, a riqueza artistica d'esses diamantes litterarios ou scientificos, que se chamam Hugo ou Humboldt, nem pensâmos na triste sorte dos pobres exploradores que primeiro facearam essas pedras preciosas, que lhes desbastaram a primitiva rudeza, e que lhes desentranharam do seio o primeiro raio de luz.

Bastava, pois, como dissemos, invocar a justiça e a humanidade para fundamentar o pedido dirigido aos governos para que lancem vistas de commiseração para esta classe tão menosprezada. Mas não nos contentaremos com isso, mostraremos tambem os inconvenientes que resultam para a instrucção, d'esse estado miserando dos professores.

Em primeiro logar, devemos facilmente imaginar que o mesquinho das retribuições não deverá ser um grande incentivo para aguilhoar o zêlo dos mestres. Mas ainda supponde que estes, apesar de tudo, cumpram conscienciosamente os seus deveres, não vemos que d'essa maneira o mestre-eschola, que devia ser uma das potencias da aldeia, está, pelo contrario, dependente de todos? Não vemos que esse representante da civilisação em terras desillustradas não póde por essa fórma exercer prestigio algum, e, por conseguinte, desprestigia tambem a grande idéa de que o fizemos missionario? Pois que! Envergonhâmo-nos de que os nossos embaixadores, os nossos plenipotenciarios junto de cortes estrangeiras não se apresentem fazendo a figura conveniente á dignidade nacional, e não nos envergonhâmos de que esses plenipotenciarios não já de uma nação, mas da humanidade civilisada, embaixadores acreditados junto d'essas cortes de sertão, se apresentem como convem á dignidade de um povo illustrado!



Planta geral do edificio da Batalha

O que! pois é crivel que, no momento em que nos esforçâmos para convencer a gente rude, o populacho ignorante dos beneficios da instrucção, lhe apresentemos como um especimen d'esses beneficios a miseria do homem que está encarregado de arrebanhar no gremio do saber as ovelhas estramalhadas pelos aridos desertos da ignorancia! Como poderão elles rebater os argumentos dos camponezes obstinados, que dizem não ser preciso o ler e o escrever para o amanho das terras? Como ha de o mestre da aldeia responder ás perguntas do ignorante bem vestido, que lhe disser: «Para que lhe serviu essa instrucção cujas vantagens advoga?» Como lhe ha de elle responder senão dizendo-lhe: «Serviu-me para andar esfarrapado e faminto, serviu-me para me ver obrigado a pedir-lhe um pedaço de pão?»

E que respeito terão as crianças a essa especie de mendigo que preside ás suas aulas? Ai! infelizmente, a tendencia innata da humanidade é a reverencia aos bens da fortuna, e o desprezo pela pobreza.

Reparo agora que me fui afastando sensivelmente do assumpto que resolvi tratar... Arrastou-me o interesse que sempre me inspirou essa classe, que tantos e tão mal recompensados serviços presta. Deixemos o incidente e voltemos á oração principal.

Supponhâmos todos esses males remediados, a instrucção primaria organisada convenientemente, os professores bem retribuidos, a população compellida a receber as aguas do baptismo intellectual, e tudo, em fim, no maior auge da prosperidade. Estará terminada a tarefa do legislador? Parece-nos que ainda não.

O povo aprendeu a ler, mas isso não basta. Para que serve a charneca a um lavrador sem terras? Para que serve a sciencia da navegação a um habitante das montanhas? Para que servem as azas ao passarinho engaiolado? Com o andar do tempo enferruja-se o arado, esquece-se a arte de navegar, tornam-se pesadas as leves plumas da avesita. E não acontecerá o mesmo ao pobre operario, ao rude homem dos campos, a quem, depois de se ter ensinado a ler, se não offerece leitura? Lucrou alguma coisa com esse conhecer as letras do alphabeto, ligal-as em syllabas e as syllabas em palavras? Não; e o exemplo d'esse homem, possuidor de um thesoiro inutil, não faz se-

não robustecer as idéas dos adversarios da instrucção e confirmal-os no pensamento de que não vale a pena cançar-se para adquirir uma instrucção vã e desproveitosa.

Ainda na Inglaterra encontrâmos o incentivo, que nos deve animar a favorecermos por todos os modos a instrucção do povo. Alli ha innumeras sociedades que tomaram a seu cargo a propagação de livros, principalmente de Biblias. Na Gran-Bretanha não ha uma casa só onde se não encontre o livro santo; comtudo, não é n'esse ponto o Reino-Unido que nos deve servir de exemplo. A França offerece-nos um campo mais vasto de estudos.

Alli tres influencias diversas dirigem o derramamento de livros pelo povo, influencias cujos intuitos são diversissimos, adversos mesmo, mas que, apesar d'isso, se auxiliam incessantemente, porque tem um unico fim — a instrucção do povo. Essas tres influencias são: a iniciativa religiosa, governamental, e a particular.

De um artigo de Julio Simon, o celebre auctor do *Dever*, artigo publicado tambem na *Revista dos Dois Mundos*, tirâmos os dados em que se baseia este nosso estudo. Vemos, pois, que a aspiração commum do partido clerical, do partido governamental, e do partido liberal, é a propagação da leitura. Que importam os differentes intuitos? Leia o povo, e a sua razão, desenvolvida pela leitura, escolherá depois os principios que achar mais justos. Além d'isso, as tres influencias combatem com armas eguaes, tem a arena livre, e é isso tudo quanto podem exigir os advogados das differentes idéas.

O partido clerical, com o ardor de propaganda que o distingue, é o que tem multiplicado mais depressa os seus meios de acção. Formam-se sociedades para a propagação de livros por preços altamente modicos, e para a fundação de bibliothecas. A *Sociedade para melhoramento e animação das publicações populares*, as congregações de S. Francisco de Sales, de S. Miguel, de Sant'Anna, publicam livros por preços inacreditaveis. Fundam-se jornaes de instrucção. A companhia de S. Vicente de Paula tira 125:000 exemplares das suas *Leiturasinhas illustradas* que apparecem todos os mezes, e custam, pouco mais ou menos, quatro vintens por anno!

Além d'isso, fundam-se bibliothecas parochiaes. Ao lado d'estas bibliothecas fundam-se as bibliothecas escholares, devidas á iniciativa governamental; e ao lado d'estas duas as bibliothecas municipaes, fundadas pela iniciativa liberal.

Em França o espirito de especulação tem levado os livreiros a publicar edições baratissimas de obras uteis, que começam a estar ao alcance de todas as bolsas; mas como, por fim de contas, por mais pequeno que seja o preço de um livro, sempre a gente do povo chora o dinheiro que com elle gastou, em quanto não toma deveras o gosto da leitura, apparece a sociedade Franklin, representante da iniciativa liberal, a animar o estabelecimento das bibliothecas.

O fim d'esta sociedade, que tem por presidente um homem celebre nos fastos scientificos, M. Boussingault, é o seguinte, segundo dizem os seus estatutos:

«... Propor o estabelecimento de bibliothecas municipaes nas localidades onde as não houver, ajudar com os seus conselhos as que se organisam, animal-as com doações de livros e de dinheiro, encarregar-se de fazer as compras necessarias, e de as enviar, sem a minima despeza de commissão ou transporte. Nunca intervirá na administração d'essas bibliothecas, a menos que a isso não seja convidada.»

Esta sociedade tem feito maravilhas. Conseguiu que uma livraria de Pani pozesse á disposição das bibliothecas um caixote de livros no valor de quarenta mil réis, alugados a meio tostão por dia. Vem a ser cincoenta ou sessenta volumes. Póde renovar-se constantemente a bibliotheca. D'esta fórma, tudo quanto se escreve passa pelos olhos do povo mediante uma somma altamente modica. Uma bibliotheca municipal que tenha cem associados dispõe constantemente de quinhentos ou seiscentos volumes, pagando cada um cinco réis por dia! Isto tem produzido em França um verdadeiro furor. Fundou-se em Chaillot uma bibliotheca n'este genero; em oito dias estavam inscriptos para socios cento e noventa quatro operarios!

Bibliothecas assim são o complemento indispensavel de um bom systema de instrucção primaria! Porque se haviam de empregar tantos esforços para roubar as crianças ás trevas da ignorancia, se a influencia perniciosa da taberna viesse afogar nos adultos a semente da instrucção, a tanto custo plantada? Sería a semente entre abrolhos da parabola de Jesus. Ganha a grande victoria, os governos não devem adormecer como Annibal e perder o fructo da peleja feliz. Conquistados os espiritos, não se deve largar mão d'elles, porque recaem de novo nas trevas da ignorancia. Se levámos os pobres romeiros desfallecidos no areial até ao pé da fonte, façamos-lhes jorrar diante dos olhos as torrentes de agua limpida e vivificante. E não os deixemos em quanto os não virmos livres e robustos nos verdejantes oasis da instrucção.

Sim, é indispensavel entre nós a creação de bibliothecas populares; tome o governo a iniciativa, dê a cada mestre eschola as armas com que possa defender as suas ovelhas dos assaltos do lobo, desesperado por ver fugir-lhe a preza. Sem isso, nada conseguirá; todos os passos que der serão inuteis. Desenvolva a instrucção primaria, consiga que todos saibam ler, e não favoreça a creação de bibliothecas, a publicação economica de livros, e não fez mais do que levantar o povo do lamaçal da ignorancia, fazer-lhe dar dois passos vacillantes, e deixal-o cair de novo na orla extrema do tremedal. Moysés impotentes, arrancaram os novos israelitas á escravidão do Egypto, mostraram-lhes de longe a fulgida Chanaan, mas deixaram-n'os morrer de fome no deserto, por lhes não acudirem a tempo com a próvida chuva do manná.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O CASAL DA ENCOSTA

(Vid. pag. 118)

III

Fernando partiu para Coimbra. Passaram mezes, chegaram as ferias; o mancebo voltou á aldeia. Rosa estava um tanto abatida. As saudades haviam-lhe desbotado as faces e pizado os olhos. Com a presença de Fernando alegrou-se a sua gentil physionomia. As rosas carecem de sol para ostentarem o viço das folhas e a força do colorido.

O sol de Rosinha era Fernando.

O verão passou rapido e feliz. Chegou o outono. Nova separação, novas lagrimas, novas saudades! Tudo isto, porém, era doirado pelo sol da esperança. Uma carta de Fernando tornava-a feliz para muitos dias; a resposta preoccupava-a por muitas noites.

Correu o tempo; o mancebo estava no seu quarto anno de direito. Fôra constantemente premiado. Já não era o rapaz timido e infantil que d'alli saíra; mas sim um bello moço de vinte e dois annos, intelligente e illustrado.

Rosa pasmava ouvindo-o fallar e vendo a admiração que tinha por elle seu pae.

Ás vezes uma idéa subita lhe alvorotava o espirito. Sería ella digna do amor de Fernando? Bastaria o seu affecto para tornal-o feliz? Agora que elle estava um homem, com tão largo futuro diante dos olhos,

pensaria ainda em ligar a sua vida a uma rapariga pobre, obscura e simples como ella era?

Estes crueis pensamentos salteavam-n'a até quando estava junto d'elle; anuviavam-lhe o rosto, e não raro as lagrimas rebentavam em borbotões de seus olhos.

— Que tens, Rosa, por que choras assim? — disse-lhe Fernando um dia.

Ella abria-lhe o coração, revelando os seus mais secretos pensamentos.

— Criança! E cuidavas em similhante coisa, quando eu te vinha dizer...

— O que? — respondeu ella interrompendo-o sobresaltada.

— Que teu pae e o meu consentem no nosso casamento. Era coisa ha muito tratada entre ambos. Já não parto para Coimbra sem te deixar minha noiva. Quizeram elles que fosse eu o primeiro a dar-te a noticia.

Rosa caíu de joelhos, ergueu as mãos e exclamou:

— Oh! que não viva minha mãe para ver como sou feliz!

— Do ceo te está vendo e abençoando, filha, disse Henrique da Silva, que vinha entrando a porta da casa.

Depois accrescentou, como fallando para si mesmo:

— O horisonte nem sempre está coberto de nuvens; vae-se agora abrindo para mim sereno e azul como nunca! Diz-me o meu coração que os desgostos se acabaram. Vamos, proseguiu em voz alta e em tom jovial, já tocou para a missa. Fernando, dá o braço á tua noiva. Agradeçamos a Deus que nos faz tão felizes!

Foram para a egreja. A nova tinha corrido a aldeia. Rosa atravessou por entre os grupos de rapazes e raparigas da terra, fazendo-se excessivamente vermelha, e respondendo com voz balbuciante aos que lhe diziam:

— Então é certo? Muitos parabens, menina Rosa, Deus os faça felizes, etc., etc.

Começou a missa, e, como é costume n'aquellas paragens, o povo principiou a entoar em côro o *Bemdicto* n'uma melodia simples, melancolica, repassada de sentimento religioso. Recordo-me bem da impressão que me produziu essa melodia, quando pela primeira vez a ouvi na egreja da Oliveirinha!

Com que profunda piedade, com que entranhado amor agradecia a Deus a ditosa menina a felicidade que tinha no coração!

Ha momentos na vida em que o amor depura, engrandece, eleva a creatura a ponto que a sua mundana essencia parece transformar-se na divina essencia dos anjos!

Rosa estava n'um d'esses instantes, que são como a ante-manhã do dia das bemaventuranças!

E por que não seria a sua existencia uma serie nunca interrompida de jubilos e delicias, como sempre os seus mais intimos pensamentos haviam sido singelos e virtuosos? Não podia escapar aquelle ingenuo coração a pagar o tributo das dores, imposto á creatura desde que o homem saíra do Paraiso!

No fim da missa, quando Rosa, depois de beijar a mão a seu pae, ia volver-se para Fernando, encontrou cravados sobre ella os olhos de um homem que via pela primeira vez.

Estremeceu transida de horror subito e profundo.

Ao atravessar o adro, o desconhecido que produzíra tão singular effeito no animo de Rosa, comprimentou urbanamente Henrique da Silva, que respondeu á saudação com sorriso visivelmente contrafeito.

— Quem é aquelle homem que fallou com meu pae, Fernando?

— Não sei, é a primeira vez que o vejo.

— Aquelle homem quem é, meu pae? — disse Rosa quando Henrique se aproximou d'ella.

— Aquelle homem, minha filha, é um malvado.

— Bem m'o dizia o coração; vamos depressa, tenho medo d'elle.

Fernando e Henrique sorriram com o susto que abalára o animo da timida Rosinha.

O desconhecido que déra causa a este dialogo seria um moço de vinte e nove a trinta annos quando muito. Estatura mediana, barba crescida, revolta e escura. Feições regulares e agradaveis. Os olhos, porém, tinham uma expressão singular. Ás vezes parecia apagar-se n'elles completamente a luz, outras brilhavam com uns reflexos metallicos similhantes aos animaes da raça felina quando se enraivecem. Nos momentos de colera contrahia-se-lhe o resto da physionomia tomando um aspecto pavoroso.

Era o tigre n'um accesso de furor.

Vejâmos agora alguma das circunstancias que se deram na vida do novo personagem que tem de figurar n'esta pequena historia.

Pedro, era o nome d'elle, ficára orphão no berço. Um padre, veneravel sacerdote e parocho da aldeia de..., tomou conta da desamparada criança, prestando-lhe os serviços de pae. O orphão parecia retribuir com sincero affecto o amor que tinha por elle o santo homem.

Pedro era concentrado e melancolico. Estudava e aprendia com facilidade. O parocho, homem illustrado, fôra o seu mestre. Aos dezeseis annos o mancebo estava já bastante adiantado em humanidades.

Um dia o seu protector disse-lhe:

— Anda cá, Pedro. N'estes ultimos annos a lavoira tem sido boa. (O padre tinha, além do passal, uma pequena propriedade). Estão alli, e apontou para uma carteira antiga que tinha no seu escriptorio, para cima de umas cem peças. Eu vou comtigo d'aqui a dois dias a Coimbra; quero recommendar-te aos lentes, comprar-te alguns arranjos, e deixar-te em casa de um parente meu, professor de theologia na Universidade.

Espero que tu serás o mesmo que tens sido até aqui. O pouco que tenho é teu, bem sabes; mas isso é nada; é necessario trabalhar, e tu, se quizeres, has de vir a ser um homem, porque habilidade não te falta.

Pedrinho abraçou o velho, que o apertou repetidas vezes de encontro ao coração. No dia seguinte o sacristão, vendo que o prior não chegava para celebrar a missa, foi procural-o a casa. Achou a porta fechada. Bateu repetidas vezes: ninguem lhe respondeu. Chamou gente, vieram, metteram a porta dentro, encontraram na casa da entrada a velha ama do padre apunhalada; correram ao quarto, e acharam o prior ensanguentado e morto na cama; a janella que deitava para o quintal aberta.

Pedro tinha desapparecido.

IV

Foi grande o alvoroto e consternação na aldeia.

As ondas de povo succediam-se umas após outras em casa do veneravel e desventurado sacerdote.

Ao vêl-o, estendido no leito, morto, envolvido n'um lençol, que era a mortalha ensanguentada, ficavam todos suspensos, sem lagrimas e sem gesto! O martyr parecia dormir um somno tranquillo e suave! De facto adormecêra no seio da morte, que, para os justos, é o seio de Deus!

A fuga de Pedro parecia uma prova inconcussa de haver sido elle o auctor do roubo e duplo assassinato. O povo, porém, não podia comprehender que o rapaz affectuoso, que, havia tão pouco ainda, brincava com os outros pequenos da aldeia, fosse capaz de similhante crime.

Procuravam debalde. Horas depois a perplexidade acabava, e apparecia a tremenda certeza.

Pedro roubára e assassinára o padre, apunhalára a velha, fugíra de casa, levando n'um cinto as peças do prior, e andava a monte, de clavina na mão, fazendo parte de uma das alcatéas de lobos que *além-Mondego*, nas faldas da serra, uivavam em volta dos casaes espreitando ensejo de saltar no aprisco [1].

Dois annos depois o seu nome era o terror d'aquellas paragens. Por diversas vezes voltára á aldeia onde perpetrára o primeiro crime, e a gente do logar, aterrada, não ousára sublevar-se.

A destreza e a coragem, que lhe não faltavam, apesar de malvado, a intelligencia mais perspicaz, e cultivada mil vezes mais que a de seus outros companheiros, o genio cavilloso e invencioneiro, davam-lhe grande vantagem entre os malfeitores, que o tomaram por chefe, e que lhe obedeciam ás cegas, posto o odiassem profundamente.

Durante alguns annos, Pedro contou com perfeita impunidade; depois, algumas diligencias, embora tardias, da parte do governo para acabar com aquelles canibaes, fizeram com que elle e os seus andassem a monte. A perseguição não foi, porém, nem longa, nem tenaz.

Pedro começou a apparecer nos povoados novamente. Nos ultimos tempos, é dizer, na epocha em que nós o apresentámos ao leitor na egreja de Oliveirinha (1850), parecia haver-se aplacado um pouco a nativa ferocidade do seu caracter.

No coração d'aquelle depravado homem despontaria acaso algum sentimento affectuoso? O amor para elle sería outra coisa mais do que o furor da vibora que se despedaça no impeto de seus ardentes desejos? Parece que não.

Ao sair da egreja dirigiu-se a um grupo de cavalheiros da terra e proximidades, que se viam obrigados a estender-lhe a mão, e disse-lhes depois de os haver comprimentado com ademanes de homem fino:

— A filha de Henrique da Silva está uma linda rapariga. O moço que vae com ella quem é?

— É o noivo.

— Então ella vae casar-se?

— É verdade, quando o rapaz voltar de Coimbra; d'aqui a um anno.

— Ah! elle é doutor, disse Pedro com sorriso singular. Os seus olhos n'esse momento faiscaram com um d'aquelles relampagos de que mais acima fallei ao leitor.

Rosa ao pé de Fernando esqueceu completamente a impressão que Pedro lhe produzira. Aquelle dia tão feliz, de certo o mais feliz da sua vida, não podia acabar sem que os travos da tristeza viessem misturar-se no meio de ineffaveis alegrias.

No dia seguinte Fernando partia para ir terminar os seus estudos.

A despedida foi longa e dolorosa. Singulares presentimentos salteavam o coração dos dois amantes. Rompia a madrugada. Rosinha podia dizer com Julieta:

«Não é o rouxinol, é a calhandra que solta estes sons agudos. Oh! e dizem que o seu canto é harmonioso! Que harmonia, meu Deus, é aquella que nos separa!

«Parte, parte! a luz augmenta cada vez mais!»

Fernando como Romeo:

«E cada vez mais as sombras carregam os nossos destinos.»

Fernando era poeta. Nas horas de remanso, durante os seus passeios pelas margens do Mondego e suburbios de Coimbra, tão bellos e pittorescos, o namorado estudante fazia versos. Composições fugitivas que voavam do coração ao papel, e em seguida ás mãos do idolo que as inspirava.

Na primeira carta que depois da ultima despedida Rosa recebeu d'elle, encontrou uma flor, symbolo da ausencia, e uma poesia com o seguinte titulo:

A SAUDADE NO ERMO

Pobre saudade! o teu seio
Por quem palpita anhelante?
Qual foi a mão inconstante
Que assim te lançou no chão?!
Orvalhada com meus prantos,
Socia de meus pensamentos,
Respondes aos sentimentos
Que eu tenho no coração!

Vem commigo; o teu perfume
Suavemente me inspira;
Minh'alma tambem suspira
Em lances de immensa dor!
Como tu, em vão procuro
Ver um ente idolatrado,
E como tu do passado
Eu vivo tambem, oh flor!

Pobre saudade! encontrei-te
Ao brando expirar do dia,
Na hora em que o ceo envia
Á terra propicia luz;
Quando as côres do crespusculo
Se reflectem no horisonte,
Quando a veiga, a encosta, o monte
Com mais encantos seduz.

Oh! talvez que n'esta hora,
No seu placido retiro,
Ella soltasse um suspiro
Ao recordar-se de mim!
Quem sabe se tu serías
Mensageira que em secreto,
Viesses do seu affecto
A dar testimunho em fim!

Se assim foi, ó confidente
De quanto minh'alma opprime,
Corre a dizer-lhe o que exprime
N'este instante o meu amor!
E ao vêl-a sorrir, em paga,
N'aquella pallida frente,
Um ai! um suspiro ardente,
Um beijo, em fim, vae depor!

Rosa lia, relia, decorava a carta e os versos.

Vinha caindo a noite. Henrique da Silva chegou a casa; abraçou sua filha, e não tinha ainda tempo de entrar a porta quando uma voz disse ao pé d'elle:

— Senhor Silva, dá-me quartel por esta noite?

Era Pedro.

Rosa ficou como convertida em estatua.

Henrique, com a maior serenidade, respondeu:

— Pois não, sr. Pedro! Póde entrar.

As casas da Beira são como a tenda do arabe. O hospede, seja quem for, é sempre sagrado.

(Continua) R. A. DE BULHÃO PATO.

[1] Não supponha o leitor que procuro carregar esta narrativa com as sombras melodramaticas. Parte da Beira, por onde viagei, foi testimunha de muitos factos similhantes a este na ferocidade.

Á *vendetta* corça, juntava-se a violação da propriedade, o latrocinio, o estupro; praticava-se, em fim, desde o homicidio até á pequena miseria!

O *lagar do Caco* (faço o nome masculino, porque o feminino não se póde escrever) tem uma historia nefanda.

Hoje na Beira respira-se a paz.

Ha poucos annos ainda, quando um famoso assassino matava um inimigo seu, os sicarios, que lhe andavam debaixo das ordens, penduravam o cadaver da victima no ramo de um carvalho, e crivavam-n'o com centos de balas! Depois agarravam d'esta especie de *almondega* de carne humana, mettiam-n'a n'um carro, e apregoavam: Quem quer comprar carne fresca!!

Isto passava-se a cincoenta leguas da metropole, n'um paiz que se dizia legalmente constituido, e que se prezava de possuir um exercito permanente!

A explicação d'estes factos, explicação que parece ser impossivel, achal-a-ha o leitor n'uma circunstancia muito simples:

Os mais notaveis facinorosos d'aquelles sitios eram importantissimos agentes eleitoraes!